

**GERMINAL E PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA: COMPROMISSO COM A LUTA
PELA EMANCIPAÇÃO HUMANA**

**GERMINAL AND HISTORICAL-CRITICAL PEDAGOGY: COMMITMENT TO
THE FIGHT FOR HUMAN EMANCIPATION**

**GERMINAL Y PEDAGOGÍA HISTÓRICO-CRÍTICA: COMPROMISO CON LA
LUCHA POR LA EMANCIPACIÓN HUMANA**

Paulino Orso¹

Resumo: Este artigo apresenta um balanço dos 10 anos da Revista *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, em que procuramos verificar a relação existente entre a *Germinal* e a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC) considerando as principais categorias de análise do materialismo histórico dialético. Primeiramente averiguamos como surgiu a PHC e a *Germinal*, depois nos atemos aos principais pressupostos e categorias defendidas por ambas e, na sequência, examinamos as produções veiculadas pela *Germinal* para conferir se de fato tem sido coerente com a perspectiva marxista e materialista histórica e se constituído num espaço de divulgação da PHC. Por fim, procuramos sopesar a importância desta revista, sobretudo para o âmbito acadêmico, tanto como fonte de pesquisa e defesa do marxismo, como da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), que é a principal teoria pedagógica existente na atualidade. Para isso, analisaremos o conjunto das edições e artigos publicados pela *Germinal* e, em especial, as dedicadas à PHC.

Palavras-chaves: Educação; *Germinal*; Pedagogia Histórico-Crítica; emancipação humana

Abstract: This paper presents a review of the 10 years of the *Germinal Review: Marxism and Education in Debate*, in which we seek to verify the relationship between *Germinal* and Historical-Critical Pedagogy (PHC). Firstly, we investigated how PHC and *Germinal* came about, then we focused on the main assumptions and categories advocated by both, and then we looked at *Germinal's* productions to see if it actually constituted a PHC outreach space. Finally, we seek to weigh the importance of this journal, especially for the academic field, both as a source of research and defense of Marxism, and of Historical-Critical Pedagogy (PHC), which is the main pedagogical theory that exists today. For this, we will analyze all the editions and articles published by *Germinal* and, in particular, those dedicated to PHC.

Keywords: Education; *Germinal*; Historical-Critical Pedagogy; human emancipation

Resumen: Este artículo presenta un balance de los 10 años de la Revista *Germinal: Marxismo y Educación en Debate*, en el cual buscamos verificar la relación existente entre la *Germinal* y la Pedagogía Histórico-Crítica (PHC). En primer lugar averiguamos cómo surgió la PHC y la *Germinal*, después nos atemos a los principales presupuestos y categorías defendidas por ambas y, a continuación, examinamos las producciones transmitidas por *Germinal* para comprobar si de hecho se ha constituido en un espacio de divulgación de la PHC. Por último, procuramos sopesar la importancia de esta revista, sobre todo para el ámbito académico, tanto como fuente de investigación y defensa del marxismo, como de la Pedagogía Histórico-Crítica (PHC), que es la principal teoría pedagógica existente en la actualidad. Para ello, analizaremos el conjunto de las ediciones y artículos publicados por *Germinal* y, en especial, las dedicadas a la PHC.

Palabras-claves: Educación; *Germinal*; Pedagogía Histórico-Crítica; emancipación humana

Introdução

Entendemos que a *Pedagogia Histórico-Crítica* se constitui na principal teoria pedagógica existente na atualidade. Pode-se afirmar que se trata de uma Teoria Pedagógica com “**T**” e “**P**” maiúsculas, uma vez que não só comporta uma efetiva teoria da educação, que pensa e contempla a educação em todos os seus níveis e modalidades, como o faz a partir de pressupostos e categorias explicitamente comprometidas com a educação da classe trabalhadora.

Quanto à *Revista Germinal: Marxismo e Educação em Debate* não há dúvida de que se trata de uma revista que faz uma opção explícita pelo principal método de análise, pesquisa e intervenção na realidade, o materialismo histórico-dialético, comprometido com a emancipação da classe trabalhadora, bandeira também defendida pela PHC.

Diante disso, como mencionamos no resumo, neste artigo alusivo à comemoração dos 10 anos da *Revista Germinal*, propomo-nos a fazer um balanço da relação existente entre a *Revista Germinal* e a *Pedagogia Histórico-Crítica* (PHC) considerando as principais categorias de análise do materialismo histórico dialético. Primeiramente, verificamos o momento em que ambas surgiram. Depois nos ocupamos dos principais pressupostos e categorias defendidas pela PHC e pela *Germinal*. Após isso, examinamos as produções veiculadas pela *Germinal* para conferir até que ponto a *Germinal* tem se constituído num espaço de divulgação da PHC. Por fim, procuramos analisar a importância desta revista, sobretudo para o âmbito acadêmico, tanto como fonte de pesquisa e defesa do marxismo, quanto da *Pedagogia Histórico-Crítica* (PHC). Para isso, analisaremos o conjunto das edições e artigos publicados pela *Germinal* e, em especial, as dedicadas à PHC. Iniciamos, porém, pela exposição do surgimento da PHC e da *Germinal*.

Surgimento da Pedagogia Histórico-Crítica e da Germinal

No ano de 2018, em que a *Germinal* completa seu primeiro decênio de existência, a *Pedagogia Histórico-Crítica* já vai atingindo sua maturidade, com seus 39 anos de existência.

Quando a *Pedagogia Histórico-Crítica* ensaiava seus primeiros passos, em 1979, eram os anos mais duros, tristes, deprimentes e repressivos da história do país, os anos da ditadura civil-militar (1964-1985). Em meio a esse contexto macabro, porém, emergia uma esperança – despontava uma nova teoria pedagógica, a PHC. Opondo-se à ditadura, por meio da educação, propunha-se a lutar tanto pela produção e socialização dos conhecimentos científicos, como, por uma educação comprometida com a classe trabalhadora, pela superação da repressão e do modo de produção capitalista, pela emancipação humana.

O surgimento da PHC decorreu das reflexões de Dermeval Saviani realizadas no final da década de 1960 e, especialmente, durante os anos de 1970, tendo como base tanto as experiências pedagógicas desenvolvidas em um colégio de periferia na cidade de São Paulo, frequentado principalmente por filhos de trabalhadores, quanto às ocorridas no Colégio Sion, no qual estudavam filhos de famílias mais

abastadas pertencentes à elite paulistana, quando começa a esboçar a crítica à escola nova, como as advindas de sua atuação no curso de pós-graduação em educação na PUC-SP, realizadas em meio ao contexto de crítica da política educacional e da pedagogia oficial imposta pelo regime militar.

Nesse momento,

emergiu um esforço coletivo caracterizado pela organização do campo educacional expresso no surgimento de entidades como a ANPED – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação –, criada em 1977, o CEDES – Centro de Estudos Educação & Sociedade articulado em 1978 com a organização, nesse ano, do Primeiro Seminário de Educação Brasileira e a ANDE – Associação Nacional de Educação, fundada em 1979. Em especial essa última entidade com o seu periódico, a Revista da ANDE. (SAVIANI, 2018)

A crítica da pedagogia oficial e da ordem existente, porém, não era uma exclusividade de Saviani. Grande número de intelectuais de diferentes áreas, assim como distintos movimentos sociais debatiam-se na busca de saída para a grave situação política, econômica e social pela qual o país estava passando.

Nesse contexto, em 1978, Saviani ministrou a disciplina “Teoria da Educação” para a primeira turma do Doutorado em Educação da PUC-SP, cujo objetivo procurava identificar na vida e obra de Gramsci elementos que permitissem compreender a educação brasileira de forma crítica.

Todavia, é em 1979, que Saviani escreve o primeiro texto daquela que, a partir de 1984, passaria a ser denominada como **Pedagogia Histórico-Crítica**. Tratava-se do texto “*Escola e democracia II: para além da teoria da curvatura da vara*”, publicado em 1982, na Revista de nº 3, da ANDE, e que, um ano depois, em 1983, foi incorporado como o capítulo 3 do livro *Escola e democracia* (SAVIANI, 2007, pp. 47-64).

Conseqüentemente, a PHC resultou das reflexões de Saviani acerca das atividades pedagógicas desenvolvidas em diferentes colégios, com alunos de diferentes níveis e condições sociais, num esforço para fazer uma crítica radical e de conjunto sobre a educação e a sociedade, superar tanto as pedagogias não-críticas, quanto às denominadas crítico-reprodutivistas, construir uma teoria pedagógica consciente das determinações sociais, comprometida com a luta pela superação da sociedade de classes, com a defesa dos interesses da classe trabalhadora e a emancipação humana.

A Revista *Germinal*, por sua vez, surge posteriormente, já no período da chamada redemocratização, inclusive como a participação do HISTEDBR/Unicamp, criado em 1986, tendo à frente o Prof. Dermeval Saviani, como grupo responsável pela produção e difusão coletiva da *Pedagogia Histórico-Crítica*.

De acordo com o Editorial da primeira edição,

A Revista *Germinal*: marxismo e educação em debate é empreitada a que o Grupo de Estudos e Pesquisas Marxismo, História, Tempo Livre e Educação (MHTLE), com o apoio dos Grupos História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR/UNICAMP) e Linha de Estudo e Pesquisa em Educação Física & Esporte e Lazer (LEPEL). (EDITORIAL, v. 1, n. 1, p. 1-3, jun. 2009).

O surgimento da *Germinal* está relacionado à necessidade que os autores e grupos de estudos e pesquisas marxistas, que se encontravam vinculados a programas de pós-graduação, sentiam de veicular suas produções, mas encontravam dificuldades junto aos periódicos existentes que, em sua maioria,

ajustavam-se às perspectivas fenomenológicas e pós-modernas, em oposição à opção teórico-metodológica marxista.

As primeiras discussões em torno da criação de um espaço de divulgação do pensamento e da obra marxista e marxiana, ocorreram no dia 12/11/2007, durante o VII Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo, realizado na Universidade Federal da Bahia (UFBA), na cidade de São Salvador, contando com a presença de aproximadamente 50 pessoas.

Pouco mais de 15 dias depois, em 30 de novembro de 2007, foram realizadas novas discussões em torno da necessidade de se criar um periódico que abordasse a educação na perspectiva marxista, dessa vez, na Faculdade de Educação da UNICAMP. Nesse mesmo ano, é criado o Grupo de Estudos e Pesquisas Marxismo, História, Tempo Livre e Educação – MHTLE, vinculado ao HISTEDBR e ao LEPEL (UFBA), que primeiramente cria o Boletim e, posteriormente, a Revista *Geminal*. As temáticas veiculadas pelo Boletim, por sua vez, também revelavam o compromisso que a Revista assumiria.

Em 20 de abril de 2008 foram convidados os membros para composição do Conselho Editorial e, em junho de 2009, é lançado o primeiro número da Revista, em formato digital, centrada na temática Modo de produção e educação. Destaque-se que a categoria modo de produção se constitui, do mesmo modo, numa categoria central para a PHC.

Nesse período tanto a PHC quanto a *Geminal* foram submetidas a grandes desafios. Todavia, os anos se passaram e a história parece se contorcer, doer. Eis que, quando se pensava ou, pelo menos, tinha-se a impressão de que os anos mais lúgubres e infelizes tinham ficado para trás, compondo apenas uma das piores e mais funestas peças do museu dos horrores, enquanto os trabalhadores estavam “descansando” das lutas travadas contra a ditadura e encontravam-se como se estivessem inebriados com as migalhas conquistadas durante os governos “populares”, afinal, sempre estiveram alijados da participação até mesmo do mínimo da festa e dos comensais servidos pela elite, esta, não admitindo abrir mão de pequenos nacos, refugiou-se nas associações comerciais e industriais, nas cooperativas do agronegócio, nos templos, nos quartéis, nos tribunais e nos palácios, costurou as tramas e cozinhou um novo golpe, desfechado no dia 17 de abril de 2016, que depôs a Presidente Dilma Rousseff, que havia sido legitimamente eleita. Era a rebelião dos derrotados, ou então, da “minoría”.

Diante disso, ainda que a realidade e o momento histórico sejam muito diferentes, vale mencionar as conclusões de Marx extraídas das reflexões acerca da Guerra Civil em França.

Todas as revoluções até hoje resultaram no desalojamento de uma determinada dominação de classe por outra; todavia, todas as classes que até agora dominaram eram pequenas minorias face à massa popular dominada. Uma minoria dominante era assim derrubada, uma outra minoria empunhava no seu lugar o leme do Estado e modelava as instituições estatais segundo os seus interesses. Esta minoria era sempre o grupo minoritário que se capacitara para o domínio e era chamado a ele pelas condições do desenvolvimento econômico sendo precisamente por isso, e apenas por isso que, quando da derrocada, a maioria dominada ou participava a favor daquele ou aceitava tranquilamente a transformação. Mas, se abstrairmos do conteúdo concreto de cada caso, a forma comum de todas as revoluções elas eram sempre revoluções de minorias. Mesmo quando a maioria prestava sua cooperação – conscientemente ou inconscientemente – a serviço de uma minoria; mas, esta, seja por isso, seja pela atitude

passiva e não resistente da maioria, aparentava representar todo o povo (Engels, Obras Escolhidas, vol. 1, LCF, p. 96).

Assim, com o desfecho da farsa, isto é, com o golpe de 2016, inicia-se um novo drama para os trabalhadores. Pois, apesar de toda a demagogia do combate à corrupção, a finalidade do mesmo era pura e simplesmente outra, recuperar a “chave do cofre” e, junto com ela, arrebatando todos os direitos dos trabalhadores e se locupletar ampliando a exploração. Assim se iniciava uma nova e grande tragédia.

Com este escopo, os derrotados de 2014, rebelaram-se, açambarcaram o poder e, tais como os abutres se abatem sobre os animais em estado de putrefação, passaram imediatamente a um ataque implacável contra os trabalhadores, não só para devorar as conquistas dos últimos 12 anos, ocorridas durante a gestão do Partido dos Trabalhadores (PT) na Presidência da República, mas também e até mesmo, os direitos trabalhistas estabelecidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), sancionada por Getúlio Vargas no 1º de maio de 1943 e os direitos humanos definidos em 1948. Desse modo, em nome da “modernização”, os trabalhadores brasileiros experimentaram o sabor do mais duro e amargo golpe tramado contra eles ao longo da história do país.

Para legitimar o golpe, a elite branca, racista, machista, homofóbica e rica, forjou uma crise econômica, política e social. Em consequência disso, a derrubada da Presidente Dilma e sua substituição pelo vice-presidente Michel Temer, a despeito de ela não ter praticado nenhum crime de responsabilidade, nem ter se constatado o seu envolvimento em casos de corrupção, revelando a farsa do impeachment, transformou-se em apenas o primeiro ato do golpe. E a partir de sua derrubada, ao contrário, as páginas dos jornais, as telas de TV e o judiciário foram inundados com os mais variados tipos de denúncias de corrupção envolvendo os golpistas, a começar por Temer, Aécio Neves, Eduardo Cunha, setores do empresariado e todo o séquito que os acompanhava.

Mas, como toda mentira, para se legitimar, necessita de uma série de outras, o golpe também só se concretiza com uma sequência de outros golpes. Neste caso, a remoção de Dilma se constituía na condição primeira para escancarar todas as portas e remover todas as barreiras para viabilizar os interesses da burguesia e os consequentes ataques contra os trabalhadores. E, uma vez atingido esse objetivo, partiram para a ofensiva contra os trabalhadores. Inicia-se com a reforma do ensino médio, segue-se com o congelamento dos gastos em saúde e educação por 20 anos, amplia-se com a aprovação da reforma trabalhistas, da terceirização e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Todas elas, com um único objetivo, atacar os trabalhadores. Nenhuma reforma aprovada implicou em algum sacrifício para a burguesia. Como afirmou Marx em 1848, a burguesia se encarregou de simplificar as classes, reduziu-as à burguesia e ao proletariado. Neste caso, representando classe dominante, os golpistas trataram de desfazer a suposta confusão que rondava as cabeças dos trabalhadores que acreditavam na possibilidade de construir um “Brasil para todos”.

Por fim, o golpe se completaria com a ampliação das perseguições ao PT, ao ex-presidente Lula, com sua prisão e com o impedimento do PT retornar à Presidência da República nas eleições de 2018, colocando no poder um legítimo representante do governo Temer, da burguesia e do imperialismo yankee.

Isso prova que o real motivo do golpe, para além das alegações e da demagogia orquestrada e divulgada, de que era necessário derrubar a Presidente Dilma para resolver o problema da corrupção e, conseqüentemente, debelar a crise do país e acabar com o desemprego, revelaram-se apenas numa estratégia de manipulação de massas.

Ao invés disso, a partir do golpe, a corrupção aumentou enormemente, a crise econômica se aprofundou e o desemprego passou dos 14% da população. Tudo isso demonstra que o verdadeiro objetivo era dar um golpe de classe, um golpe na classe trabalhadora.

Nesse contexto, tanto a Pedagogia Histórico-Crítica, quanto a *Germinal* se transformaram em instrumentos de luta e resistência. Vejam, então, na sequência, os principais pressupostos e categorias defendidas pela PHC e pela *Germinal*.

Principais pressupostos e categorias defendidas pela PHC e pela Germinal

Apesar de terem sido criadas em momentos diferentes e em contextos distintos, afinidade entre a PHC e a *Germinal* ocorre desde a sua criação (da *Germinal*). Conforme se pode observar já na primeira edição da revista mencionada acima, ela foi criada com o apoio e participação direta do HISTEDBR, grupo que articula e se encontra à frente da defesa da Pedagogia Histórico-Crítica.

Ambas adotam o método materialista histórico-dialético como base teórica e metodológica, contrapondo-se tanto às teorias não críticas e crítico reprodutivistas, do mesmo modo que as perspectivas idealistas, subjetivistas, fenomenológicas, positivistas, estruturalistas e pós-modernas.

Falar da *Germinal* e da Pedagogia Histórico-Crítica significa falar de uma revista e de uma teoria educacional que não só não admitem a existência da neutralidade, como têm em comum a defesa explícita do mesmo método, o materialismo histórico-dialético, que concebe a sociedade como dividida em classes onde, portanto, para além da retórica, da ideologia e da demagogia, a neutralidade é impossível. Ademais, comungam do mesmo objetivo, a transformação radical e profunda da sociedade e a emancipação humana, que, aliás, colocam-se como imperativos sociais, exigência *sine qua non* à sobrevivência do homem na face da terra, haja vista, as ameaças que pairam sobre a sociedade em seu conjunto no atual momento e, em especial, sobre os trabalhadores.

Diante de mudanças tão intensas, rápidas e profundas como as que estamos amargando, tanto no Brasil, quanto na América Latina e no mundo, mais do que nunca, faz-se necessário a defesa de uma teoria educacional e de uma revista contra hegemônicas, comprometidas com a superação do modo de produção capitalista e de suas ideologias liberais e pós-modernas.

Afinal, esse modo de produção, fundado na propriedade privada dos meios de produção, da qual decorrem as classes e as lutas de classes, legitimado por sua ideologia, o liberalismo, contraditoriamente, tem levado à concentração do capital e das riquezas em pouquíssimas mãos, exatamente nas de quem não trabalha e não produz, condenando a imensa maioria da população, a classe trabalhadora, à pobreza e miséria.

Como nos diz Karl Marx, contraditoriamente,

o trabalhador se torna um tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a *valorização* do mundo das coisas (*Sachenwelt*), aumenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos homens (*Menschenwelt*). (MARX, 2008, p. 90).

Ora, é inadmissível que, justamente quem produz tudo e no momento em que mais se produz, seus responsáveis acabem, muitas vezes, apenas vivendo à míngua, e até mesmo, sendo privados de sua própria sobrevivência.

Em decorrência disso, temos um quadro tão aterrador, quanto trágico, em que, de acordo com a Organização Não Governamental OXFAN, as 8 pessoas mais ricas do mundo (TROTTA, 2018), detém a mesma riqueza que a controlada pela metade da população mais pobre do planeta, ou seja, igual à 3,6 bilhões de pessoas. No Brasil, a concentração de renda também chegou às raias do absurdo. As 6 pessoas mais ricas do país, controlam a mesma quantidade de riqueza possuída por 100 milhões de pessoas (ROSSI, 2018). Ou seja, a extrema riqueza, a superacumulação, e a extrema pobreza e miséria, não só convivem como são decorrentes uma da outra.

A pergunta que não foi e não é respondida adequadamente é: Porque essa massa de trabalhadores continua sendo explorada e não se rebela, sendo que produz todas as riquezas do planeta?

O fato é que, ao invés de dignificar a vida do homem, o trabalho torna-se apenas um meio para viver, um tripalium (instrumento de tortura). De acordo com Marx (2008, p. 81), “Quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando (*ausarbeits*), tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio”, que o dominada.

A despeito disso, o capital não admite fronteiras, nem limites para sua acumulação, necessita acumular cada vez mais, é incontrolável em sua sanha de acumulação. Segundo afirma Mészáros (2008, p. 27), “o capital é irreformável porque pela sua própria natureza, como totalidade reguladora sistemática, é totalmente incorrigível”. Entretanto, caso encontre barreiras ao seu processo contínuo de acumulação, entra em crise e, para resolvê-la, implode as relações de produção existentes, força a realização de reformas, privatiza, precariza as relações de trabalho e, com isso, eliminar as barreiras que o impedem de continuar acumulando.

De qualquer modo, sob a vivência do capitalismo, se o capital não está em crise é porque encontra as condições favoráveis à exploração e acumulação e, se entra em crise, é porque precisa remover os empecilhos que o impedem de acumular ainda mais. Em qualquer das situações, a forma capital é a dominante, impondo sacrifícios cada vez maiores aos trabalhadores.

O momento em que a *Germinal* completa 10 anos é terrível. Além da superacumulação e da superexploração, o capital tem plantado governos reacionários e retrógrados que, a despeito de demagogicamente repetir que representam a maioria, ao contrário, escudam exclusivamente os interesses da classe dominante com o intuito de acumular ainda mais, que, por sua vez, representa uma ameaça à natureza e a todas as formas de vida do planeta. Assim, encontramos-nos novamente diante da

possibilidade iminente de uma nova guerra sem limites e, até mesmo, de uma hecatombe nuclear, que parecia ter sido enterrada com o fim da Guerra Fria, e que agora volta a assombrar o mundo.

De um lado, topamos com o decadente império yankee que se encontra “armado até os dentes”, e que, no intuito de retroalimentar sua indústria bélica e se apossar do conjunto das riquezas para evitar sua catástrofe derradeira, promove desestabilização, conflitos, golpes e guerras ao redor do mundo. Com isso, destrói a natureza, espalha desemprego, difunde pobreza e dissemina o ódio e a violência. De outro, vemos as formas mais abjetas de discriminação, conservadorismo, reacionarismo, fascismos, xenofobia, racismo, machismo, etc, crescerem e se agigantarem, impondo uma série de derrotas e retrocessos ao conjunto da sociedade e, em especial, à classe trabalhadora.

Diante desse quadro, impõe-se a necessidade de compreendermos adequadamente tanto a realidade local como global, sob pena de naturalizar e, por conseguinte, continuar reproduzindo, e até mesmo, ao invés de realizar intervenções que permitam superar esse estado de coisas, reforçar ainda mais a sociedade e as condições existentes.

Daí a importância de uma teoria pedagógica como a Pedagogia Histórico-Crítica e de uma revista como a *Germinal*, principalmente no interior da academia, que se utilizam e fazem a defesa das categorias de análise do materialismo histórico-dialético, permitindo tanto a compreensão efetiva da realidade, da sociedade, da educação e do mundo, como a intervenção adequada à sua transformação.

Nesse sentido, a *Germinal* têm se transformado numa trincheira de luta e numa referência importante, tanto para os pesquisadores interessados em socializar suas produções, resistir aos modismos pós-modernos, multiculturalistas e fenomenológicos, como para os interessados em aprofundar seus conhecimentos acerca do marxismo, mas que não encontram espaço junto às demais revistas em função de sua opção teórico-metodológica marxista e materialista.

Como é de conhecimento geral, por um lado, o marxismo é a teoria e a ciência do proletariado, que possibilitam os trabalhadores se livrarem de seus grilhões e se emanciparem. Seu método, o materialismo histórico-dialético é o único que permite compreender, explicar e transformar efetivamente a realidade. Os demais, inclusive, nem se quer se propõem a transformar. Por isso, satisfazem-se com diferentes interpretações, desprovidas de um critério prático para atestar a veracidade.

Todavia, a preocupação do materialismo histórico dialético com a transformação, que pressupõe, por sua vez, também uma correta compreensão da realidade, garante-lhe severos e constantes ataques por parte dos interessados na manutenção do *status quo*. Por outro, ao adotar o materialismo histórico-dialético como seu método, a Pedagogia Histórico-Crítica carrega igualmente consigo todas as suas (do MHD) principais categorias de análise, quais sejam, modo de produção, trabalho, classes sociais, lutas de classes, totalidade, contradição, antagonismos de classes, mediação, alienação, revolução e emancipação humana.

Sendo assim, na sequência, analisamos a produção veiculada pela *Germinal* ao longo de seus 10 anos de história no intuito de verificar como a PHC e essas categorias aparecem na *Germinal*.

A Pedagogia Histórico-Crítica e as categorias materialistas históricas e dialéticas na Germinal

Pode-se afirmar que, mesmo a partir de uma análise inicial, realizada com base nos títulos das edições publicadas, que tanto a PHC, quanto as categorias do MHD se encontram presentes na *Germinal* e, portanto, que suas publicações têm sido coerentes com os objetivos da revista e com o recorte teórico-metodológico definido, qual seja, o de socializar produções no campo do marxismo e do materialismo histórico.

Ao longo de seus 10 anos de existência, a *Germinal* publicou 19 edições, com as seguintes temáticas: v. 1, n. 1 (2009): Modo de produção e educação; v. 2, n. 1 (2010): Crise e revolução; v. 2, n. 2 (2010): Projeto histórico comunista e educação; v. 3, n. 1 (2011): Luta de classes, educação e revolução; v. 3, n. 2 (2011): História, trabalho e educação; v. 4, n. 1 (2012): Imperialismo, crise e educação; v. 4, n. 2 (2012): Desafios da história da educação na perspectiva marxista; v. 5, n. 2 (2013): Pedagogia Histórico-Crítica; v. 5, n. 1 (2013): Educação e emancipação humana; v. 6, n. 2 (2014): Capitalismo, trabalho e educação; v. 6, n. 1 (2014): Conjuntura; v. 7, n. 1 (2015): Pedagogia Histórico-Crítica; v. 7, n. 2 (2015): História da educação; v. 8, n. 1 (2016): Conjuntura, luta de classes e educação; v. 8, n. 2 (2016): Luta pela terra e educação do campo; v. 9, n. 1 (2017): Crítica da política educacional; v. 9, n. 2 (2017): Para a crítica da produção do conhecimento; v. 9, n. 3 (2017): América Latina, 100 anos da Revolução Russa, educação e ensino; v. 10, n. 1 (2018): Karl Marx: 200 anos! um legado revolucionário!!

Como se percebe, todos os títulos indicam a coerência entre as produções veiculadas e os objetivos de uma revista que se reivindica como marxista e materialista, seja em relação a seu arcabouço teórico-metodológico, a resistência aos ataques à classe trabalhadora e ou a luta pela transformação da educação e da sociedade.

Numa observação um pouco mais atenta, também verificamos que as categorias modo de produção, revolução, trabalho, luta de classes e emancipação humana, já aparecem explicitamente nos títulos de nove edições, como se pode atestar no caso de: Crise e **revolução**; **Luta de classes**, educação e **revolução**; História, **trabalho** e educação; Educação e **emancipação humana**; Capitalismo, **trabalho** e educação; Conjuntura, **luta de classes** e educação; América Latina, 100 anos da **Revolução Russa**, educação e ensino; **Karl Marx**: 200 anos! um legado revolucionário!!

Dentre as 19 edições, quatro merecem destaque por suas temáticas: Uma centrada nas comemorações dos 100 anos da Revolução Russa (v. 9, n. 3 (2017)) e outra que rememora os 200 anos de Karl Marx (v. 10, n. 1 (2018)). Ambas prestam homenagem a Karl Marx, fundador do materialismo histórico-dialético. As outras duas, com o mesmo título, são dedicadas especialmente à PHC: Pedagogia Histórico-Crítica (v. 5, n. 2 (2013)) e (v. 7, n. 1 (2015)).

A primeira edição da revista, publicada em 2009, como dissemos, foi dedicada à discussão da categoria Modo de Produção, uma das mais caras ao marxismo e também à PHC. Nessa edição, foram publicadas 5 produções na seção debates, um artigo e uma entrevista com o Prof. Dermvel Saviani, dedicados à discussão e aprofundamento acerca do entendimento da categoria modo de produção e, no caso de Saviani, de sua relação com a PHC.

Posteriormente, no v. 3, n. 2 (2011), Denize Cristina Kaminski Ferreira, retorna ao tema com o artigo: “Educação, trabalho e suas mediações ao longo da história da humanidade nos diferentes modos de produção da existência”, em que analisa as mediações existentes entre educação e trabalho ao longo da história da humanidade.

O primeiro artigo diretamente relacionado à PHC publicado pela *Germinal*, é de autoria de Joao Junior Bonfim Joia Pereira e Fatima Aparecida de Souza Francioli, denominado de: “Materialismo histórico-dialético: Contribuições para a teoria Histórico-Cultural e a Pedagogia Histórico-Crítica”. Nele, seus autores afirmam que o MHD está presente na Pedagogia Histórico-Crítica e também na Psicologia Histórico-Cultural. Além disso, procuram mostrar a aproximação teórica existente entre as duas teorias e explicitam suas contribuições para a educação escolar.

Na sequência, apresentamos um quadro demonstrativo das produções da *Germinal* e sua relação com as principais categorias de análise materialistas. Aí, de um lado, pode-se verificar a categoria mencionada, a edição da revista em que aparece e o número de produções que fazem menção direta a ela e, de outro, fazemos o mesmo em relação à PHC.

Quadro 1 - Demonstrativo das produções da *Germinal* e sua relação com as principais categorias de análise materialistas

Modo de produção	Alienação	Trabalho	Classes sociais/ Lutas de classes/ Classe trabalhadora	Totalidade
v. 1, n. 1 (2009) 8 produções	v. 3, n. 1 (2011) 1 produção	v. 3, n. 2 (2011) 7 produções	v. 3, n. 1 (2011) 6 produções	v. 8, n. 2 (2016) 1 produção
	v. 6, n. 2 (2014) 1 produção	v. 6, n. 2 (2014) 4 produção	v. 3, n. 2 (2011) 2 produções	
	v. 9, n. 1 (2017) 1 produção	v. 7, n. 2 (2015) 4 produção	v. 5, n. 2 (2013) 2 produções	
		v. 8, n. 1 (2016) 1 produção	v. 6, n. 2 (2014) 1 produção	
		v. 8, n. 2 (2016) 1 produção	v. 7, n. 1 (2015) 1 produções	
		v. 9, n. 1 (2017) 5 produções	v. 8, n. 1 (2016) 3 produções	
		v. 9, n. 2 (2017) 2 produções	v. 8, n. 2 (2016) 1 produção	
		v. 9, n. 3 (2017) 1 produção	v. 9, n. 2 (2017) 1 produção	
		v. 10, n. 1 (2018) 5 produções		

Contradição	Mediação	Revolução	Emancipação/ Emancipação humana	Pedagogia Histórico-Crítica
v. 9, n. 1 (2017) 1 produção	v. 9, n. 1 (2017) 1 produção	v. 1, n. 1 (2009) 4 produções	v. 2, n. 2 (2010) 1 produção	v. 3, n. 2 (2011) 2 produções
		v. 2, n. 1 (2010) 5 produções	v. 4, n. 1 (2012) 1 produção	v. 5, n. 2 (2013) 16 produções
		v. 2, n. 2 (2010) 1 produção	v. 5, n. 1 (2013) 5 produções	v. 7, n. 1 (2015) 20 produções
		v. 3, n. 1 (2011) 5 produções	v. 6, n. 2 (2014) 1 produção	v. 9, n. 1 (2017) 1 produção
		v. 9, n. 3 (2017) 5 produções	v. 7, n. 2 (2015) 1 produção	v. 9, n. 2 (2017) 1 produção
			v. 10, n. 1 (2018) 1 produção	

Todas as principais categorias de análise do materialismo histórico-dialético aparecem nas produções da *Germinal*. Umas, porém, com mais intensidade, como no caso da categoria trabalho, classes sociais / lutas de classes, revolução e emancipação, e outras menos, como no caso de mediação, alienação e totalidade.

Como se pode observar, a PHC aparece com bastante destaque. Foram publicadas duas edições especiais dedicadas a ela. No total, a PHC aparece em 40 produções, mais do que qualquer categoria. Depois dela, é a categoria trabalho que aparece em maior número de produções, no total está presente em 30 produções. Na sequência também aparece com destaque a categoria revolução, com 20 vezes e emancipação/emancipação humana, em 10 produções.

Por fim, para concluir pode-se destacar que, dada a importância das produções socializadas pela *Germinal*, ela tem se transformado em um importante meio de preservação do legado de Karl Marx e Friedrich Engels, além de ser um referencial de estudos, pesquisas e formação política e ideológica para intelectuais, militantes de academias, movimentos sociais e líderes comunitários, seja em relação à produção marxiana e marxista, seja em torno da Pedagogia Histórico-Crítica, que é a principal teoria pedagógica existente na atualidade. Tanto a PHC, quanto a *Germinal*, encontram-se irmanadas na luta pela transformação das condições existentes, pela emancipação humana.

Portanto, pode-se afirmar que a *Germinal* cumpre com aquilo a que se propôs, proporcionar um espaço de divulgação do pensamento marxista, assim como do materialismo histórico-Dialético.

Referências bibliográficas

GERMINAL: Marxismo e Educação em Debate. Disponível em:

<<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal>>. Com acesso em 28.11.18.

GERMINAL: Marxismo e Educação em Debate. **Editorial**. Londrina, v. 1, n. 1, p. 1-3, jun. 2009.

MARX, K. **Manuscritos econômicos-filosóficos** (Primeiro manuscrito). São Paulo: Boitempo Editorial, 2008. (Tradução de Jesus Ranieri).

ENGELS, F. Introdução de Friedrich Engels à edição de 1895. In. MARX, L. e ENGELS, F. **As Lutas de Classes em França de 1848 a 1850**. Disponível em:

<https://www.marxists.org/portugues/marx/1850/11/lutas_class/introducao.htm#tn88>. Com acesso em 28.11.18.

MÉSZÁROS, I. **Educação para além do capital**. 2ª edição, São Paulo: Boitempo, 2008.

ROSSI, M. **Seis brasileiros concentram a mesma riqueza que a metade da população mais pobre**.

Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/22/politica/1506096531_079176.html>. Com acesso em 11.09.18.

SAVIANI, D. **Origem e desenvolvimento da Pedagogia Histórico-Crítica**. Disponível em:

<https://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2012/trabalhos/Demerval%20Saviani.pdf>. Com acesso em 19.11.18.

TROTTA, T. **Oito homens possuem a mesma riqueza que a metade mais pobre da humanidade**.

Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/13/economia/1484311487_191821.html>. Com acesso em 11.09.18.

Notas

¹ Dr. em Filosofia e História da Educação pela UNICAMP. Email: paulinorso@uol.com.br